

**OS-VUESTRO-VOSOTROS-VOS. USO E DESUSO DAS VARIANTES
IBÉRICAS DO ESPANHOL NAS TRADUÇÕES LATINO-AMERICANAS DOS
TEXTOS CLÁSSICOS**

Cecilia Marcela Ugartemendía¹

Resumo: Prevalece senso-comum de que a variante ibérica do espanhol é a variante culta da língua e por isso a preferida ao traduzir clássicos em tom solene, como Cícero, César ou Virgílio. Tradicionalmente, tradutores do latim e estudantes do idioma recorrem de forma irrefletida ao espanhol castiço na tradução da segunda pessoa, suas respectivas conjugações verbais e pronomes. Além dos problemas com o estilo solene, a variante ibérica, não natural ao tradutor latino-americano, acarreta problemas adicionais na tradução dos clássicos. A partir de experiência junto a um grupo de tradutores da Universidade de Buenos Aires com a tradução do *De lege agraria* de Cícero, que optou pela variante latino-americana, neste breve trabalho serão confrontadas as variantes tradicional-ibérica, latino-americana e rio-platense. Os mecanismos de tradução serão demonstrados com base em excertos essenciais da obra, verificando as consequências da eleição das variantes, especialmente a rio-platense (*voseo*).

Palavras-chave: espanhol ibérico; espanhol latino-americano; tradução de textos greco-latinos; *voseo*, *tuteo*.

Abstract: It is common sense that the Iberic variation of the Spanish language is the ‘cult’ variation. Therefore, it is preferred to translate the classics with a solemn tone, like Cicero, Caesar or Vergil. Traditionally, Latin translators and students use this Iberic variation unreflectively to translate the second person, its verbal conjugations and pronouns. Besides the problems this solemn style brings to the public, the Iberic variation is not natural for the Latin-American translator, what carries additional problems when translating the classics. Based on the experience with a group of translators from the University of Buenos Aires, who chose to use the Latin-American variation of Spanish in the translation of Cicero’s *De lege agraria*, in this brief work we will confront the traditional Iberic variation with the Latin-American and the ‘rio-platense’ (spoke mainly in Buenos Aires and Montevideo). The translation mechanism will be demonstrated with support of excerpts of this discourse, proving the consequences of the election of different variations, especially the ‘rio-platense’ (*voseo*).

Keywords: Iberic Spanish; Latin-American Spanish; translation of Greek and Latin texts; *voseo*, *tuteo*.

¹ A autora é mestranda do curso de Pós-Graduação em Letras Clássicas na FFLCH/USP sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Pinheiro Hasegawa e bolsista FAPESP.

O PROBLEMA

Este trabalho, produto de reflexões originadas na prática de tradução, mas longe de seus fundamentos teóricos, propõe-se a realizar uma breve reflexão a respeito de uma dificuldade frequente no trabalho do tradutor latino-americano. Considerando o estágio inicial de nossos trabalhos de tradução e sem a pretensão de esgotar a discussão sobre o problema, pretendemos tratar aqui do uso da variante do espanhol escolhida ao momento de traduzir as obras da literatura clássica greco-latina.

No marco do Projeto de Reconhecimento Institucional “*De lege agraria, un estudio de su despliegue retórico y oratorio y su vinculación con el contexto histórico y político*”, levado adiante na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, nós, os membros, propusemos realizar uma tradução desta obra de Cícero. A última tradução foi feita em 1991, publicada pela editora espanhola Gredos e traduzida por Jesús Aspa Cereza. Todavia, essa tradução é de difícil acesso ao público latino-americano, tanto por questões econômicas e de importação, como por apresentar variantes da língua não usuais na região em que é comercializada.

No momento do trabalho de tradução do texto, em que se registram inúmeras incidências de emprego de segundas pessoas e vocativos, surgiu o problema a respeito de qual deveria ser a variante escolhida para realizar nossa tradução. As hipóteses seriam: deveríamos traduzir utilizando (1) o sistema de pronomes de segunda pessoa do espanhol peninsular, (2) o sistema latino-americano ou (3) o sistema rio-platense, este último aquele de fato utilizado entre os argentinos?

Ao traduzir os clássicos gregos e latinos, tem-se a intenção de imprimir nesses textos um tom de solenidade. Quando traduzimos para o espanhol, esse tom solene traz consigo a particularidade do uso da variante ibérica dos pronomes de segunda pessoa (mais especificamente a madrilenha, já que se podem perceber diferenças na língua espanhola dentro da própria Espanha). A escolha desta variante é quase irrefletida, como se ela fosse uma variante “cult” da língua. Isto apresenta ao tradutor latino-americano mais um obstáculo a ser ultrapassado no trabalho de tradução. As diferenças entre as variantes diatópicas do espanhol, não restritas apenas aos pronomes pessoais mencionados, às vezes chegam a ser tais que podem mesmo representar uma dificuldade à compreensão do texto ao leitor “hispano-falante”, que não utiliza essa variante, além de se constituir um desafio para o próprio tradutor, que se vê obrigado a pensar em formas que são alheias ao seu costume linguístico.

A tendência de utilizar as variantes peninsulares da língua na tradução é verificada com maior recorrência nas traduções da literatura greco-latina. Dificilmente encontraremos uma nova tradução de William Faulkner ou Michel Houellebecq elaborada por um latino-americano e voltada à América Latina na qual dominem as formas peninsulares. Todavia, as novas traduções dos textos clássicos greco-latinos que se produzem na Argentina apresentam, em sua maioria, a particularidade de não abrir mão das formas características de uma variante peninsular. Significa então que a opção do tradutor, antes de tudo, estabelece um juízo valorativo em relação às formas latino-

americanas, como se elas fossem inapropriadas para veicular um discurso tido como solene.

O SISTEMA DE PRONOMES DA LÍNGUA ESPANHOLA

Na língua espanhola não há apenas dois sistemas de pronomes de segunda pessoa, mas sim quatro. O sistema usado na maior parte da Espanha apresenta a forma *tú* para a segunda pessoa singular, *usted* para a formal, *vosotros* para a segunda pessoa do plural informal e *ustedes* para a formal.

SISTEMA DE PRONOMES EM ESPANHA						
	PESSOAIS		POSSESSIVOS		OBJETO DIRETO/INDIRETO	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
INFORMAL	tú	vosotros	Tu	vuestro	te/ti	os
FORMAL	usted	ustedes	Su	su	lo/le	los/les

No segundo sistema, a única forma do plural é *ustedes*, neutralizando a formalidade representada pelo pronome. É aquele usado em algumas partes de Andaluzia, Canárias e na maior parte da América Latina, sendo este inclusive o sistema escolhido para o chamado “espanhol neutro”.

SISTEMA DE PRONOMES EM ANDALUZIA, CANÁRIAS E AMÉRICA LATINA						
	PESSOAIS		POSSESSIVOS		OBJETO DIRETO/INDIRETO	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
INFORMAL	tú	ustedes	Tu	su	te/ti	los/les
FORMAL	usted	ustedes	Su	su	lo/le	los/les

Um terceiro sistema é o usado de forma generalizada na Argentina, Paraguai e em parte de países centro-americanos. Neste sistema a forma singular *tú* (cujo uso é conhecido como *tuteo*) é substituída por *vos* (*voseo*), mantendo *ustedes* como única forma plural, igual em toda América Latina.

ARGENTINA, PARAGUAI E EM PARTE DE PAÍSES CENTRO-AMERICANOS						
	PESSOAIS		POSSESSIVOS		OBJETO DIRETO/INDIRETO	
	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
INFORMAL	vos	ustedes	Tu	su	te/ a vos	los/les
FORMAL	usted	ustedes	Su	su	lo/le	los/les

Um quarto sistema, comum no Chile, Uruguai, Venezuela e Colômbia, mistura o singular *tú* com formas verbais do *vos*, e vice-versa.

Como destacado nas tabelas acima, juntamente com os pronomes mudam também os sistemas de possessivos e objetos. Para a forma *ustedes*, o possessivo apresenta a forma *su(s)*, *suyo/a(s)*. Isto pode se confundir com o possessivo próprio de *él*, *ella* e seus plurais, o que leva em alguns casos a substituir o pronome *su*, por *de ustedes*. Para *vosotros*, a forma do possessivo é *vuestro/a* e as formas de objeto direto e indireto unificam-se em *os*, assim como o *se* dos verbos reflexivos.

Além disso, junto com as formas pronominais mudam as formas verbais. As conjugações dos verbos mudam para *tú* e *vos* (ex. Presente: *tú tienes/vos tenés*. Imperativo: *ten/tené*) e para *vosotros* e *ustedes* (ex. Presente: *vosotros tenéis / ustedes tienen*. Imperativo: *tened/tengan*).

USO E DESUSO DAS DIFERENTE VARIANTES

Como havíamos mencionado antes, os discursos de Cícero em geral, e em particular *De lege agraria*, são abundantes em referências e apóstrofes na segunda pessoa. Nas três *orationes* que apresenta a obra, o orador dirige-se a públicos diferentes (o Senado, na primeira e terceira *orationes* e o povo romano, na segunda), com o propósito de derrubar a lei apresentada por Rulo, tribuno da plebe. Aliás, compondo hábil manipulação do discurso, como de costume em Cícero, o discurso pretende enaltecer e legitimar a sua própria figura de novo cônsul. Com esse objetivo, o orador apela constantemente para a atenção dos ouvintes a fim de persuadi-los. Uma vez que a persuasão vem acompanhada habitualmente do diálogo, o uso dos vocativos e da segunda pessoa é a estratégia discursiva que procura o artifício da conversa. É justamente pela abundância no recurso à segunda pessoa, especialmente do plural, que o texto poder-se-ia tornar – embora ainda não deixe de ser compreensível – distante para alguns leitores, menos afeitos e habituados ao uso de pronomes como *vosotros*. Eis precisamente aqui o momento em que surge, na tradução, a solenidade procurada em um discurso ciceroniano. Solenidade, porém, que só atinge o leitor latino-americano. Ao leitor espanhol, esta forma *vosotros* pertence a seu cotidiano informal, sem produzir o pretendido efeito de solenidade.

Vejamos, a modo ilustrativo, o seguinte trecho da tradução de *De Lege Agraria* elaborada pelo espanhol Sandalio Díaz Tendero y Merchán e publicada em Buenos Aires:

Reflexionad, tribunos de la plebe, apartaos de los que os abandonarán pronto, si no estáis prevenidos; uníof a nosotros, poneos de acuerdo con los buenos, defended la República con el mismo celo y amor que nosotros. (Agr. 1. 26)

Em uma tradução que apresentasse variantes latino-americanas, as formas verbais mudariam para aquelas pertencentes a *ustedes*:

Reflexionen, tribunos de la plebe, abandonen a estos por los cuales, si ustedes no prestan atención, serán abandonados. Únanse a nosotros, pónganse de acuerdo con los buenos, defiendan la República de todos con el celo y amor común a todos. (Tradução nossa)

Vemos que em alguns destes verbos as mudanças são significativas. Gregorio de Mac, em seu trabalho *El voseo en la literatura argentina* (1967), aponta que frequentemente o uso de variantes não pertencentes ao cotidiano do tradutor podem até levar a erros de concordância, seja pela falta de costume, seja por ignorância das normas. Certamente, mais pela primeira causa do que pela última, pode haver algumas inconsistências na variante escolhida pelo tradutor latino-americano. Em língua espanhola, é o caso do uso do “leísmo” (substituição de *lo* por *le*) nos objetos diretos masculinos, típico da variante peninsular, e, mais especificamente, madrilenha, encontrada, por exemplo, na tradução de Tendero y Merchán:

El mal está adentro, es interior y doméstico: cada cual de nosotros por si debe curarLE (Agr. 1. 26) (...) Si a alguno de vosotros LE arrastra la esperanza de adquirir los honores por medio de perturbaciones, primeramente que desista de esperarlo en mi consulado (Agr. 1. 9. 27).

É curioso que este fenômeno tão marcante do espanhol da península não se encontre nas traduções feitas por latino-americanos, apesar de utilizar o sistema de pronomes distintivo dessa variante.

Por sua vez, o tradutor argentino vê-se, inclusive, mais constrangido no momento da eleição das variantes do que outros. Mesmo sem escolher as formas peninsulares, dificilmente resolve adotar os usos rio-platenses que lhe são próprios, particularmente o uso do *vos*, segunda pessoa do singular empregada na região. O *vos*, utilizado originalmente como uma forma de tratamento de cortesia, perde seu prestígio a partir do século XVI. Nem mesmo no início do século XX era possível encontrar o uso da variante *vos* nos textos formais argentinos – país em que o uso é predominante –, sendo considerado um registro “baixo e familiar”. Portanto, embora o *voseo* rio-platense haja excedido a área da fala popular e possa se encontrar em qualquer âmbito, inclusive nos escritores argentinos mais prestigiosos, como Jorge Luis Borges ou Julio Cortazar,

traduzir Cícero dirigindo-se a Rulo como *vos* gera um estranhamento ao tradutor e ao leitor *voeante* (que utiliza a forma *vos*), por não associar este registro com o tipo de gênero literário que está a ler. Aliás, a verdade é que mesmo para o leitor que não utiliza essa variante, pode resultar uma tradução um tanto regionalista.

Até onde alcança meu conhecimento, a única tradução que usa o sistema rio-platense de pronomes é a da *Lisístrata*, de Aristófanes, publicada em Buenos Aires pela editora Biblos. No teatro em geral, e na comédia em particular, o registro escolhido pode ajudar a veicular o caráter familiar que o diálogo possui. É provável que seja por isso que a comédia aristofânica ofereça um *corpus* passível de ser traduzido com o sistema *voeante* e variantes pertencentes ao uso cotidiano, ainda mais pelo caráter baixo do vocabulário contido pela obra. A tradução feita por Carlos Bembibre, Beatriz Gerez e Gabriela Montes De Oca não só utiliza o sistema de pronomes, como também é abundante em expressões próprias do registro rio-platense. Uma tradução como essa realmente se afasta daquilo a que o leitor de textos clássicos está acostumado.

É verdade que a eleição de uma variante deixa o texto coerente. Nesta edição da *Lisístrata*, com o uso do *vos* não foi diferente, preservando a coerência textual. Os tradutores, inclusive, agregaram um pequeno glossário de termos relativos ao registro rio-platense, especialmente o erótico e o sexual, que são fundamentais para garantir a compreensão da tradução aos leitores não acostumados à variante. Isto leva ao seguinte questionamento: como traduzir usando as formas e elementos de identidade típicos do rio-platense sem que o texto seja pouco compreensível e distante para quem não fala essa variante? A mesma pergunta é válida para as versões feitas em Espanha, que, curiosamente, são as que desfrutam de maior prestígio no mercado literário.

Tanto os tradutores veem esta necessidade de produzir textos regionais, que se publicou recentemente uma tradução da *Odisseia*, feita na Bolívia, com base em uma variante da língua espanhola latino-americana. O tradutor foi o escritor e professor Mario Frías Infante e a obra foi editada pelo grupo Santillana. A editora declarou, pouco depois da sua publicação na Bolívia, que não descartava a possibilidade de uma edição digital, já que, “por ser la primera traducción en castellano americano, es requerida em Sudamérica”. A *Odisseia*, afortunadamente, ainda hoje faz parte do currículo obrigatório do ensino médio na Argentina, e sua versão mais próxima à realidade do leitor latino-americano desperta maior recepção do leitor à literatura greco-latina.

Posso afirmar desde minha experiência como docente de Literatura no ensino médio, que, em regra, o prazer pela leitura e a interação pessoal com a obra veem-se dificultados pela falta de compreensão ou mesmo pelo distanciamento que produzem os termos e o sistema de pronomes peninsulares nos leitores desacostumados a esta variante, especialmente o público infanto-juvenil.

De nenhuma forma pode-se pensar que a eleição de uma variante familiar ao tradutor tenha a ver com uma limitação da sua capacidade de se acomodar a outras variantes do seu próprio idioma, porque isso seria pensar na falta de competência no domínio da língua por parte dessa pessoa. O foco está posto aqui nos diferentes grupos de leitores que irão receber a tradução. Nem sempre aquele que aborda o texto é um aficionado à literatura.

CONCLUSÃO

Os clássicos greco-latinos continuam sendo traduzidos e as editoras na América Latina fazem suas apostas ao publicar novas traduções. A atualidade das traduções clássicas não está limitada nem ao público especializado, de nível acadêmico-científico, nem aos leitores em geral, elas se estendem também a alunos do ensino médio e revelam incrível potencial pedagógico. O uso de um sistema de pronomes diferentes ao acostumado pode levar tanto a afetar a interpretação da dêixis social durante o ato de interlocução, como causar um distanciamento pouco confortável na hora da leitura. Não é a solenidade que deve guiar a tradução, mas o contexto em que ela se realiza.

Desta forma, procuramos demonstrar que o uso de diferentes variantes pronominais em função de um contexto regional provocam delicados problemas de compreensão dos clássicos greco-latinos, podendo até mesmo provocar a indiferença ou aversão do leitor a este tipo de literatura.

REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES. *Lisístrata*, trad. Carlos H. Bembibre, Beatriz Gerez e Gabriela Montes de Oca, Buenos Aires: Biblos, 2013.

CICERÓN. *Discursos III*. Trad. de Jesús Aspa Cereza, Madrid: Gredos, 1991.

DE GREGORIO DE MAC, M. I. *El voseo en la literatura argentina*. Santa Fe: Universidad Nacional Del Litoral, 1967.

DIAZ TENDERO Y MERCHAN, Sandalio. *Cicerón. Vida y Discursos*. Madrid: Librería de Hernando, 1904.

HOMERO. *La Odisea*. Trad. Mario Frías Infante. Bogotá: Alfaguara, 2013.